

O Patrimônio construído trabalhado como acervo no Museu Vivo da Memória Candanga.

Maria Cecilia Lima Gabriele

Universidade de Brasília

Resumo: Este texto trata de uma experiência em Brasília, no Museu Vivo da Memória Candanga, museu que tem como principal acervo suas edificações, reconhecidos como patrimônio público. Trata-se da exposição intitulada 'HJKO: Arquitetura e Memória', cujo fio condutor é a história da arquitetura do lugar. A exposição tem sido visitada por crianças, jovens, universitários, trabalhadores do entorno e pessoas que viveram na área. Com enfoque nas pessoas, a exposição busca, por meio da comunicação dos conteúdos inerentes ao patrimônio construído, chamar atenção para a valorização da memória coletiva da comunidade. O antigo Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, foi construído para ser demolido depois da inauguração de Brasília, mas resistiu graças a reivindicações da comunidade. Acredita-se que a postura de considerar sua arquitetura como acervo museológico e comunicar seu conteúdo histórico, técnico, urbanístico e humano, com uma visão sociomuseológica, pode contribuir para aproximar as pessoas de seu patrimônio construído, assinalando sua importância para a compreensão da memória da cidade.

Palavras-Chave: Patrimônio construído - Museologia - Museu Vivo da Memória

Abstract: *This text is about an experience in Brasília, at the Museu Vivo da Memória Candanga, a museum that has its own buildings, which are included in the national patrimony, as its collection. This text is about the exhibition 'HJKO: architecture and memory', and its main subject is the history of the hospital's architecture. The exhibition has been visited by children, teenagers, college students, workers who live in the suburb of the city and those who lived near the area of the museum. With a special focus on the people, the exhibition intends to, through the sharing of the contents inherent in the built patrimony, call the attention to the value of the common memory of the community. The Juscelino Kubitschek de Oliveira Hospital, HJKO, was built with the purpose of being temporary, therefore demolished immediately after the inauguration of Brasília, but has resisted thanks to the community's claims. It is believed that the position of considering its architecture*

a part of its collection and sharing its historic, technic, urban and human content with a sociologic and museologic point of view, it is possible to contribute to the approach of the people and their built patrimony, indicating its importance to the comprehension of the city's memory.

Keywords: Built Heritage - Museology - Living Museum of Memory

Introdução

Entre os bens incomensuráveis e heterogêneos do patrimônio histórico, escolho como categoria exemplar aquele que se relaciona mais diretamente com a vida de todos, o patrimônio histórico representado pelas edificações. (Choay F. , 2006, p. 12)

A citação de Choay (2006) evidencia a importância das edificações, como lugar onde fatos acontecem e pessoas vivem, o que lhe agrega ainda mais valor em relação à memória coletiva dos povos.

Este texto relata a experiência de uma exposição em Brasília, onde se tomou como fio condutor da memória um patrimônio construído, o primeiro hospital da capital federal, quando ainda era um canteiro de obras. A intenção era aproximar as pessoas de seu patrimônio construído, valorizando aspectos relacionados com a vida dos primeiros moradores da cidade, a fim de despertar laços identitários nos visitantes do Museu.

A narrativa da exposição segue os preceitos da sociomuseologia¹⁰, que tem entre seus princípios norteadores a percepção do patrimônio cultural pela comunidade, além de sua participação nos vários estágios do processo museológico, onde a grande preocupação é justamente com a percepção do homem pelo seu patrimônio.

Brasília, Patrimônio da Humanidade

[...] Brasília, como definiu seu autor, é uma criação “original e nativa”. Original no sentido do que é feito pela primeira vez, no que tem caráter próprio, no que não procura imitar ou seguir ninguém e que pode servir de modelo. Nativa no sentido do que é natural, do que não é estrangeiro, do que é singelo e desartificial e que pertence a uma terra e a um país.” (Schlee, 2009, p. 14)

10 Entende-se a sociomuseologia como uma área da museologia, ciência social e aplicada, que procura trabalhar de forma multidisciplinar, por meio das estruturas museológicas, os problemas da sociedade contemporânea, incluindo as várias modalidades do patrimônio cultural e a memória coletiva dos povos, de modo a propiciar a ativa participação da comunidade nas diversas fases do processo museal, visando seu desenvolvimento social. Este conceito está baseado em Moutinho e Primo

Brasília, a capital do Brasil inaugurada em 1960, é um marco da arquitetura do País. Foi inscrita na Lista do Patrimônio Mundial, com base nos critérios I¹¹ e IV¹² em 1987. De acordo com a UNESCO, sua construção concretizou o pensamento urbanístico internacional dos anos de 1950, referendados na Carta de Atenas de 1933, formulada por importantes arquitetos ligados ao Movimento Moderno. Sua inscrição no Livro do Tombo Histórico foi feita em 1990, “por seu valor histórico e importância na ocupação do interior do país.” (IPHAN, 2001, p. 133). A solicitação do tombamento foi feita pelo próprio autor, o arquiteto e urbanista Lúcio Costa, preocupado com a preservação das quatro escalas da cidade: monumental, residencial, gregária e bucólica. Sua intenção foi a de assegurar às gerações seguintes o direito de conhecê-la tal como havia sido concebida.

Em 1956 o Presidente Juscelino Kubitschek solicitou ao Congresso Nacional a criação da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, Novacap. Todas as ações relacionadas à mudança da capital, inclusive sua concepção e construção, ficaram por conta deste órgão, que decidiu, logo de início, que o projeto do plano piloto seria escolhido por meio de concurso público nacional. O vencedor do certame foi o arquiteto e urbanista Lúcio Costa, que em seu ‘Relatório do Plano Piloto de Brasília’ apresenta-se como um simples maquis do urbanismo, desculpando-se pela apresentação sumária, mas com a idéia de que:

[...] a cidade deve ser concebida não como simples organismo capaz de preencher satisfatoriamente e sem esforço as funções vitais próprias de uma cidade moderna qualquer, não apenas como ‘urbs’, mas como ‘civitas’, possuidora dos atributos inerentes a uma capital.” (Costa L. , 2009, p. 36).

Desta forma assume o caráter monumental que defende para a cidade capital, ao mesmo tempo em que lembra de Diamantina, lugar onde enxergou o passado genuinamente brasileiro. Do Relatório constam os desenhos com a proposta da cidade que “nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz” (Costa L., 2009) e as soluções pensadas para todos os setores.

11 Representar uma obra-prima do gênio criativo humano.

12 Ser um exemplo de um tipo de edifício ou conjunto arquitetônico, tecnológico ou de paisagem que ilustre estágios significativos da história humana.



Figura: Plano Piloto de Brasília apresentado por Lúcio Costa ao Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital, 1957. Fonte: Brasília 1960 2010 passado presente e futuro



Figura: Mapa da cidade de Brasília com as modificações do Plano Piloto. 2000. Fonte: Site da Seduma

Atualmente, o Distrito Federal possui cerca de 2,5 milhões de habitantes, uma série de problemas relacionados à falta de moradia para a população de baixa renda, grande especulação imobiliária e ocupação ilegal em áreas de interesse ambiental. Considerada a quarta cidade do país em número de habitantes possui um dos melhores índices de qualidade de vida, apesar de as cidades do entorno apresentarem elevada criminalidade. Cheia de contrastes desde sua construção, a cidade Patrimônio Mundial da Humanidade, exemplo de beleza arquitetônica e urbanística, segue em busca de soluções para suas mazelas sociais.

“Eu lutei muito pelo tombamento deste lugar. Isto aqui é a minha vida”.
Sebastiana de Lima ex-moradora do acampamento HJKO e líder comunitária da Candangolândia.



Figura: Imagens do Núcleo Bandeirante, antiga Cidade Livre, acampamento que se tornou referência de comércio e serviços mesmo depois da inauguração de Brasília. Fonte: Arquivo Público do DF.

O Museu Vivo da Memória Candanga foi inaugurado em 1990, na sede do antigo HJKO. O hospital de campanha foi construído em 1957, próximo à Cidade Livre¹³, ao barracão da Novacap e à Lonalândia¹⁴, no canteiro de obras de Brasília. Erguido em madeira, em apenas sessenta dias, o hospital foi criado para atender os milhares de trabalhadores que vieram de todas as partes do Brasil para construir a nova capital. Pois, enquanto a cidade era construída a partir do cruzamento dos dois eixos principais, e consolidavam-se a Esplanada dos Ministérios e a Praça dos Três Poderes, seguia crescendo, no mesmo compasso, outra realidade bem distante, a dos acampamentos das construtoras, que abrigavam os chamados candangos¹⁵.

O projeto do HJKO foi elaborado pelo Departamento de Urbanismo e Arquitetura, da Novacap, dirigido por Oscar Niemeyer e equipado com o que havia de mais moderno, na época. O hospital, inicialmente um posto avançado do Hospital Rassi de Goiânia, era mantido pelo Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários, IAPI, mas prestava assistência médico-hospitalar a todos os trabalhadores e familiares, independente de posto ou função, até 1960. A sigla batizou também a maior invasão da região, que se desenvolveu nas imediações da área, depois da inauguração da cidade, e que era formada pelos trabalhadores da construção civil e de suas famílias, que com a finalização das principais obras ficou sem moradia e emprego.

13 A Cidade Livre que estava localizada junto ao acampamento que sediava os escritórios e funcionários da Novacap, a Companhia de Urbanização da Nova Capital, tinha este nome porque não recolhia impostos dos proprietários de comércio e serviços. Atualmente o lugar é denominado Núcleo Bandeirante e por muito tempo depois da construção da cidade continuou a ser referência de comércio diversificado da Capital Federal. O acampamento foi pensado para ser uma área de comércio e serviços. Em pouco tempo possuía mercearias, açougues, escolas, barbearia, cabeleireiros, lojas de tecido, pensões e toda sorte de negócios. As casas que foram surgindo a despeito das orientações contrárias, foram construídas em madeira com telhados de zinco, alumínio e até de palha e pintadas de cores variadas, abrigando a população que cresceu em uma proporção assustadora. Em dois anos já contava com 6.000 habitantes e em 1960 eram mais de 12.000 moradores

14 A Lonalândia era um acampamento de trabalhadores que recebeu este nome em função do material, a lona, de que eram feitas as barracas onde viviam.

15 Segundo o Dicionário Michaelis candango é o trabalhador braçal vindo de fora da região e nome como se designam os trabalhadores comuns que trabalharam na construção de Brasília. Esta palavra, de origem africana, era utilizada pelos negros para designar os portugueses.

Com o fim das obras, os acampamentos e o HJKO deveriam ser extintos. No entanto, a população que se instalou na capital em busca de trabalho lutou pela garantia de permanência da Cidade Livre. A comunidade da Lonalândia, conseguiu sua estabilidade com a transferência para a atual Candangolândia e a comunidade da invasão do IAPI, participou da formação da Ceilândia¹⁶. Há que se ressaltar a capacidade de articulação da população que conseguiu manter-se na área e foi aos poucos revertendo a situação e transformando o caráter provisório dos assentamentos em bairros com infra-estrutura urbana e reconhecimento do Estado. Por outro lado, houve a descaracterização do modo de vida dos assentamentos iniciais.

Concebido como 'hospital de campanha', o HJKO possuía 50 leitos, e fazia atendimentos em clínica médica, clínica cirúrgica, pediatria, obstetrícia, raios-X, laboratório, serviços de enfermagem, pronto-socorro, maternidade e sala de gesso. Além da administração, fazia parte da edificação um setor de apoio como lavanderia, cozinha/refeitório, área de isolamento, instituto médico legal e capela. No Acampamento HJKO havia, além do hospital, seis edificações com duas casas geminadas para moradia de médicos e funcionários casados e cinco alojamentos para os médicos e funcionários solteiros, além da Delegacia do Trabalho de Brasília, a Delegacia do IAPI, o Posto de Benefícios e um posto odontológico.

Em 1966, o HJKO foi desativado e passou a funcionar como Posto de Saúde, atendendo os moradores da Cidade Livre, Invasão do IAPI e Velhacap. Em 1974 o então Posto de Saúde JKO foi desativado em virtude da criação de serviços de saúde no Núcleo Bandeirante. Em meados de 1983, o Instituto de Administração Financeira de Previdência e Assistência Social, IAPAS, antigo IAPI, e proprietário da área, decidiu pela demolição do HJKO, o que gerou protesto da comunidade que interpôs uma Ação Popular. Uma liminar foi imediatamente concedida pela Justiça Federal e a demolição foi sustada. A comunidade, também solicitou o tombamento do HJKO à Secretaria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, SPHAN. Em outubro de 1983, os técnicos da 8ª Diretoria Regional do SPHAN e do Grupo de Trabalho - Brasília, GT/ Brasília, iniciaram o levantamento da área e o contato com a comunidade.

16 A Secretaria de Ação Social instituiu a Comissão de Erradicação de Invasões, a CEI, e promoveu uma campanha de esclarecimento da população sobre a importância de ir para áreas com certa infra-estrutura, mesmo que mais distantes do Plano Piloto, com a finalidade de evitar novo derramamento de sangue com a remoção de pessoas das chamadas áreas de invasão.



Figura: Alameda central na entrada do HJKO no final da década de 1950.
Fonte: Arquivo Público do DF



Figura: Alameda de entrada no atual Museu Vivo da Memória Candanga.
Fonte: Gabriela Tenório

É necessário buscar o restabelecimento dos vínculos das comunidades com seus monumentos, para que sejam entendidos como aquilo que deveriam ser (e o são do ponto de vista etimológico): elementos portantes da memória coletiva. Memória que deve ser percebida não como algo estático e alijado do presente e do cotidiano das pessoas, mas como elemento essencial de percepção da realidade e importante meio propulsor de modificações. (Kühl, 2009, p. 125)

O patrimônio construído tem grande importância no reconhecimento de identidades de um povo, por meio dele se pode contar histórias que aproximam as pessoas de seus valores culturais e da memória social de sua gente. Este projeto foi pensado para que, por meio de uma exposição que trata sobre a história da arquitetura e do urbanismo do Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, o antigo HJKO, as pessoas que vivenciaram a construção da cidade de Brasília recordassem suas histórias e as compartilhassem com as gerações seguintes.

A exposição 'HJKO arquitetura e memória'¹⁷, foi organizada em cinco módulos: o contexto urbano, a história, a técnica construtiva, a mão de obra e a memória. Os conteúdos trabalhados foram colhidos na prática da historiografia da arquitetura, mas foram conduzidos de modo a aplicar os conceitos da sociomuseologia. O objetivo era o de aproximar a sociedade de seu patrimônio cultural, por meio de uma pesquisa-ação, com base nos procedimentos teórico-metodológicos de

17 Devo registrar a importante participação do arquiteto e programador visual Joe Rodrigues e Daniel Dresch na montagem da exposição HJKO arquitetura e memória.

Santos, adaptando-os à realidade da proposta e à dimensão do projeto. De acordo com Severino (2008), na pesquisa-ação, mais que compreender a realidade, busca-se intervir na situação a fim de transformá-la. Portanto, ao mesmo tempo em que se faz o diagnóstico e a análise, são propostas mudanças que buscam melhorias na situação apresentada.

O documento mais importante da exposição é a planta feita pelo DePHA-DF com o levantamento de todos os moradores e as alterações feitas nos imóveis do acampamento. Foram estas pessoas, que viviam no local em 1983, que deram início ao processo de tombamento e impediram a demolição do HJKO. Muitas delas foram visitar a exposição e ficaram emocionadas ao verem seus nomes no museu.



Figura: Planta do levantamento feito pela equipe do DePHA com o nome de todas as pessoas que se encontravam morando nas casinhas e acréscimos feitos durante o período de 1974 a 1984.

Foram organizadas algumas visitas guiadas com crianças, jovens, adultos e idosos. Antes e depois de algumas dessas visitas, foram aplicados questionários, verificando-se, por exemplo, que a grande maioria das crianças que vive no Plano Piloto nunca tinha ouvido falar do MVMC. Apesar de as crianças da Candangolândia saberem de sua existência, somente algumas delas tinham visitado o local. Na opinião dos meninos e meninas que participaram das visitas, preservar os monumentos é importante, pois, eles ajudam a saber mais sobre a história da cidade e de sua gente. Além de sentirem-se orgulhosos de ter o MVMC em sua cidade, disseram que vão convidar outras pessoas para visitá-lo. A alegria das crianças e suas mensagens emocionou a todos os envolvidos no passeio.

Quando eu fui ao museu prestei muita atenção e gostei muito de lá por isso eu vou chamar muitão (sic) de pessoas para ir lá e conhecer a historia do nosso país e vou falar pra cuidar de lá, Mickael; Para que eu e outras pessoas possam aprender mais, precisamos zelar, Gabriel N.; Temos que cuidar bem para aprendermos mais, Caio Barbosa; O Museu Vivo da Memória Candanga além dos outros monumentos tem que ser cuidado para que mais pessoas saibam da historia da construção de Brasília, Hugo¹⁸.

Vale ainda registrar a fala de D. Maria Salomé de Andrade, atualmente com cem anos e oito meses. Ao final da visita, quando perguntada se havia gostado do passeio, respondeu: “Você agora é nossa verdadeira amiga porque está fazendo de nós gente novamente, está fazendo nós viver de novo. (sic)” Com estas palavras, esta senhora simples, ressaltou a importância do passeio, percebida por ela como uma atitude de cidadania social, de direito à cultura.

Considerações finais

A exposição trouxe a história do HJKO para dentro do Museu Vivo da Memória Candanga, e com ela muitas emoções, lembranças e, principalmente, pessoas que viveram em um período difícil, de sacrifícios, de lutas e ao mesmo tempo embaladas em sonhos e esperanças.

Esta experiência foi muito bem acolhida pela diretora do museu, Luciana Ricardo e por todos os servidores que ao final incorporaram a iniciativa à visita guiada. Estas atitudes vieram reforçar a ideia de que o patrimônio construído pode ser um meio para se trabalhar a memória coletiva e fortalecer os laços identitários da comunidade com seu patrimônio cultural.

18 Estas frases foram escritas pelas crianças da Escola Classe II da Candangolândia, nos questionários distribuídos depois da visita ao Museu Vivo da Memória Candanga.

Referencias Bibliográficas.

Botelho, L. A. (2009). O princípio das escalas no plano urbanístico de Brasília: sentido e valor além de proporção. In: F. L. (Org), Brasília 1960 2010: passado, presente e futuro (pp. 87-97). Brasília: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente.

Choay, F. (2006). A alegoria do patrimônio (3ª Edição ed.). (L.V.Machado, Trad.) São Paulo: Estação Liberdade/ UNESP.

Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital Federal. (2009). Edital para o Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil. In: F. L. (Org), Brasília: 1960 2010: passado, presente e futuro (pp. 27-33). Brasília: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente.

Costa, L. (2009). Brasília revisitada, 1985-1987. Complementação, preservação, adensamento e expansão urbana. In: F. L. (Org), Brasília 1960 2010: passado, presente e futuro (pp. 69-77). Brasília: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente.

Costa, L. (2009). Relatório do Plano Piloto de Brasília. In: F. L. (Org), Brasília 1960 2010: passado, presente e futuro (pp. 35-43). Brasília.

Costa, M. E., & Lima, A. V. (2009). Brasília 57-85 do plano piloto ao Plano Piloto. In: F. L. (Org), Brasília 1960 2010: passado, presente e futuro (pp. 45-67). Brasília: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente.

GT-Brasília. (1983). Acampamento HJKO. Brasília.

Guarnieri, W. (1990). Museologia e Identidade. In: Cadernos de Museologia. N 1&2. São Paulo: IBPC.

Holanda, F. (2010). Brasília- cidade moderna, cidade eterna. Brasília: Universidade de Brasília.

Kühl, B. M. (2009). Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização - Problemas teóricos de restauro. Cotia, SP: Ateliê Editorial.

SCDF. (02 de Abril de 2010). Secretaria de Cultura do Distrito Federal. Acesso em 02 de Abril de 2010, disponível em www.sc.df.gov.br

Schlee, A. R. (2009). Lúcio Costa o senhor da memória. In: F. L. (Org), Brasília 1960 2010: passado, presente e futuro (pp. 11-15). Brasília: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente.

SECDF, DePHA. (1985). Processo de Tombamento do HJKO. Brasília, DF.

Severino, A. (2008). Metodologia do trabalho científico (23 ed.). São Paulo: Cortez Editora.